

## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

#### **Surfando na onda das redes sociais**

*Um texto em construção sobre a relação entre educação popular, novas mídias e redes sociais tendo como estudo de caso o projeto Vidas Paralelas*

Autores:

Marcio Blanco

Juliane Peixoto

Diego Hoeffel

Graça Hoeffel

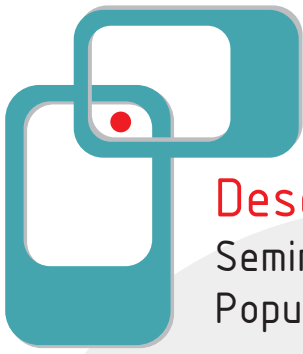
José Ricardo Alves

A sala de aula como lugar oficial de aprendizado está em crise. A relação tradicional entre professor e aluno, em que o primeiro detém um saber privilegiado e inquestionável e o segundo é um repositório vazio pronto a ser preenchido, está perdendo de goleada para as novas tecnologias de informação e comunicação. O educador se vê cada vez mais acuado em um mundo de fluxos incontroláveis de informação, vindos de todos os lados. As grandes verdades dos livros didáticos estão se perdendo. Como, por exemplo, sustentar uma versão amplamente difundida sobre a descoberta do Brasil pelos portugueses se a busca mais simples no Google irá apontar em inúmeras versões a chegada de outros exploradores ao nosso continente antes de Pedro Álvares Cabral?

Se atualmente o acesso ilimitado à informação nos dá a sensação de vivermos em uma era de incertezas sobre tudo e todos, uma coisa é certa: a educação jamais será a mesma depois do advento da internet. É fundamental pensar a forma como ela – a internet – mudou o meio de lidarmos com o conhecimento, de adquiri-lo, transformá-lo e trocá-lo com outras pessoas. Estima-se que atualmente a internet acumule a cifra espantosa de 3.892.179.868.480.350.000.000 de dados digitais disponíveis.

Com tanta informação circulando, as gerações mais novas encontraram uma fonte de consulta inesgotável e, praticamente sem controle, que compete lado a lado com a escola e demais instituições de transmissão de saber como a igreja e família. Não é à-toa que o papa Bento XVI já tem uma página on-line no *youtube* onde se pode acompanhar seus discursos e aparições. Existe uma corrida por parte de todos para embarcar nessa nau chamada atualmente de web 2.0

Desde a sua chegada no Brasil no começo dos anos 90, a web foi evoluindo em grau de interatividade. Hoje a criação e manutenção de um e-mail é apenas uma ferramenta básica no universo de opções e níveis de complexidade de interação que ela está acelerando. Atualmente as Redes Sociais são a grande sensação da internet, e os recursos disponíveis de troca de informação não se limitam mais a palavra escrita. No Brasil, o Orkut é apenas um exemplo de Rede Social bem sucedida, mas existem muitos outros que também lançam



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

mão da palavra, fotografia, vídeo e áudio para promover redes de relacionamento: *Facebook, Ning, Myspace* etc. Cada uma delas com suas características mas com algumas coisas em comum. Segundo Jesús Beltran Llera em seu artigo “Sociedade em Rede”:

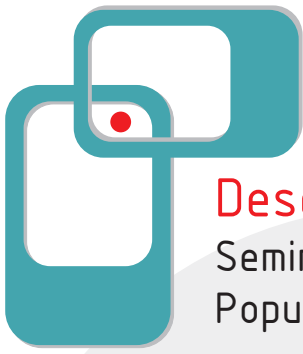
**“Ainda que não haja um padrão definido para as comunidades virtuais, é possível apontar alguns traços comuns aplicáveis a todas elas: a interação se estabelece por meio de máquinas; são comunidades flexíveis tanto do ponto de vista temporal quanto do espacial; há intercâmbio de informação; seus membros compartilham linguagens e interesses afins; a comunicação se estabelece com o uso de diferentes instrumentos tecnológicos: correio, chat, bate-papo, etc.; é uma comunicação multidirecional e mais regular que a do cara a cara.”**

Nesse cenário de alta interatividade, como é possível afirmar que o processo de aprendizagem é uma premissa apenas da escola formal? Em dezembro de 2008, 17,2 milhões de pessoas acessaram o Orkut nos lares brasileiros, sendo que 56% desse número era composto de adolescentes. Em média, cada usuário gasta quatro horas e 40 minutos por mês no site, segundo o Ibope/NetRatings. Essa constatação obriga o espaço formal de ensino a repensar suas práticas e o professor a rever o seu papel exclusivo de educador. A educação pensada, no plano social, como um ato de reelaboração da própria cultura e no plano individual como uma relação de saber e de troca entre as pessoas, se coaduna com as possibilidades oferecidas pelas redes sociais. Ainda Jesus Beltran Llera, opina que

**"No contexto das comunidades virtuais, a construção do conhecimento já é uma atividade social e não meramente individual".**

O educador na escola formal ou mesmo na educação popular, atuando como um mediador de saberes, orientando a troca de conhecimentos para uma determinada finalidade, desde simplesmente averiguar a competência do aluno para passar de um nível ao outro, ou mesmo a conscientizar sobre os direitos individuais do ser humano, vê o seu papel de mediador sendo fragilizado pela liberdade de acesso às informações na internet em um espaço e tempo determinado pelo próprio usuário. Em última instância isso confere ao próprio aluno a responsabilidade de mediação das informações adquiridas com seu próprio esforço e interesse. É o descentramento desse lugar da mediação que põe em crise o ambiente formal de ensino. O nível de informalidade pedagógica, e podemos assim classificar esse tipo de aprendizado na internet, que a sociedade em rede atingiu, ao mesmo tempo em que estimula cada um a se tornar responsável pela construção do seu próprio conhecimento, aponta um horizonte vazio de referências seguras e coesão social.

No tocante as novas mídias esse é um termo amplo que usualmente se refere à



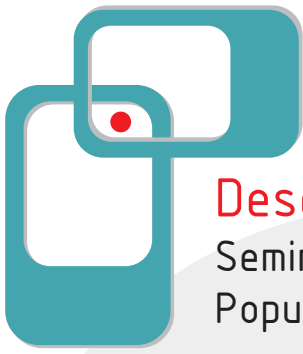
## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

soma de novas tecnologias e métodos de comunicação para se diferenciar dos canais tradicionais, como televisão, radiodifusão, imprensa etc. Sua utilização pelas redes sociais ainda se encontra em um estágio híbrido em sua forma. Ainda nos relacionamos com o audiovisual, o texto ou a fotografia na web da mesma maneira que antes do surgimento da internet, mas essas formas ou linguagens já começam a sofrer as mudanças decorrentes do contexto de descentralização provocada pelo esquema comunicacional em rede da web 2.0. A possibilidade de se produzir imagem e som a partir de pequenos aparelhos portáteis e móveis, como o celular e sua inserção em um ambiente colaborativo como as comunidades virtuais, aponta para novas formas de elaboração e fruição dessas linguagens, com uma tendência acentuada de mistura entre elas. Podemos citar os *blogs* como exemplo de novas mídias onde linguagens tradicionais interagem entre si, resultando em uma nova forma de produção e apreensão: o texto conectivo que pode levar a outras páginas na internet. O texto que apoia e contextualiza a exibição de um vídeo. Os *podcasts* (rádios virtuais) que se apoiam em fotografias. Muitas são as possibilidades de interação.

Para servir de base concreta para uma reflexão sobre a utilização das novas mídias em contextos de educação e construção de redes sociais, esse texto irá falar um pouco de uma experiência em curso chamado Vidas Paralelas. Trata-se da construção de uma rede social entre trabalhadores representantes de 24 categorias profissionais em todos os 27 estados brasileiros. É uma ação transversal entre trabalho, cultura e saúde com o fim de dar visibilidade ao mundo do trabalho a partir do ponto de vista dos próprios trabalhadores.

Sendo assim, essa ação ocorre da seguinte forma: cada trabalhador participante recebe uma máquina fotográfica ou um celular e passa a registrar o seu cotidiano através de fotografias, vídeos e textos, alimentando em seguida um site com esses registros. Mas antes, eles passam por um processo de formação de três dias em cada estado com a finalidade de experimentarem e refletirem sobre essas linguagens e aprenderem a operar o site com autonomia. Pela característica da oficina, o Vidas Paralelas também é uma experiência de aprendizado em cultura digital e novas mídias dentro de um contexto de educação popular. O perfil de boa parte desses trabalhadores, que estão se inserindo nessa rede, é o de pessoas com pouca ou nenhuma intimidade com a tecnologia. Em algumas oficinas tínhamos trabalhadores sem nenhuma experiência de contato com o computador. O que a princípio mostrava-se para a equipe de formadores como um grande obstáculo para a participação, foi se transformando, ao longo das primeiras oficinas, em um fator estimulante para a construção da rede. Ficou nítido em muitos depoimentos de avaliação, realizados ao final de cada formação, que aqueles trabalhadores com maior dificuldade de manuseio dos equipamentos e internet demonstravam uma grande satisfação em estar entrando em contato com uma forma de expressão completamente nova para eles.



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Aqui serão explicitadas algumas estratégias utilizadas para que esse contato com a tecnologia não se tornasse traumático, e, ao invés de convocá-los para a construção da rede, acabasse afastando-os dela:

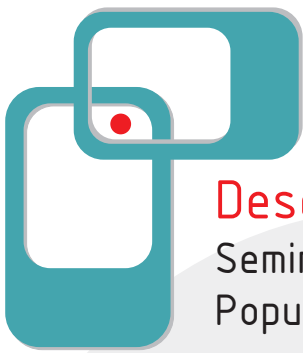
1 - A opção de utilizarmos dispositivos de registro imagético que já estivessem largamente difundidos, como é o caso de aparelhos celulares e máquinas fotográficas. Os trabalhadores são estimulados a produzir fotografias e vídeos com esses aparelhos.

2 - A utilização de uma ferramenta de publicação que fosse de fácil manuseio e pudesse proporcionar uma experiência coletiva de publicação e troca de informações entre os componentes da Rede e entre a Rede e a sociedade em geral. Em uma primeira etapa está sendo utilizado o *wordpress*, uma plataforma construída em software livre que comporta a publicação de textos, fotografias e vídeos. Cada trabalhador recebe um nome de usuário e senha para ter acesso ao ambiente de publicação e administração das postagens em poucos passos.

3 - A inversão da tradicional relação de aprendizado professor-aluno. Aqui a experiência e a prática da educação popular forneceram um norte para planejarmos a forma como se daria a construção de conhecimento dos trabalhadores a partir da história de vida e bagagem cultural de cada um. Considerá-lo em sua subjetividade foi fundamental para desenhar uma metodologia de oficina que aproveitasse o saber individual como força motriz da compreensão das linguagens midiáticas que utilizamos no projeto: o texto, a fotografia e o vídeo interagindo em uma comunidade virtual.

4 - O envolvimento de parceiros afins com os campos de conhecimento e atuação postos em transversalidade no projeto. Foi criada a ideia de Rede de Apoio, composta por integrantes da saúde, do trabalho e da cultura: Universidades, Pontos de Cultura, Forças Sindicais e Centros de Referência na Saúde do Trabalhador. Atores sociais que trabalhavam isoladamente em suas áreas estão entrando em contato através de encontros e experimentação da metodologia. Eles passam pelo mesmo processo que é vivenciado na segunda oficina estadual pelos trabalhadores e se responsabilizam por apoiar logisticamente e tecnicamente a rede. Isso acontece em uma primeira oficina, exclusiva para a Rede de Apoio.

5 - Criação de uma Rede de Cineclubes, a qual chamamos de “Cineclube do Trabalhador”. A proposta é oferecer um espaço de encontro e reflexão com base no audiovisual para a Rede de Apoio e de Trabalhadores refletirem suas práticas. O projeto encontra-se ainda em fase de execução, tendo percorrido 10 estados nessa primeira etapa de implementação, que é a oficina para a Rede de Apoio, portanto, esse texto deve ser considerado apenas uma primeira análise do caminho percorrido até aqui e não tem a pretensão de ser conclusivo sobre os seus impactos nas vidas dos trabalhadores, nem sobre



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

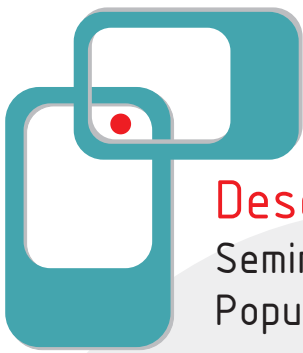
a efetividade da construção da rede virtual. Assim como a rede, esse texto também está em permanente construção.

No contexto de um seminário de educação popular em audiovisual, irei restringir minha reflexão à relação entre as três primeiras estratégias resumidas anteriormente e explicitar como elas vêm sendo articuladas na formação dos integrantes da Rede. Trata-se de um esforço para extrair algumas reflexões preliminares acerca do papel da educação nessa mediação entre a tecnologia computacional (internet e software social adotado) os dispositivos de produção de mídia escolhidos pelo projeto (celulares e máquinas fotográficas) e a inserção dos conteúdos produzidos e interação entre eles na rede virtual em construção (Rede Vidas Paralelas).

A maneira de mediar a compreensão por parte dos trabalhadores sobre as linguagens adotadas no projeto deve levar em consideração três pontos fundamentais: a) o contexto em que essas linguagens estão inseridas, o de uma rede social virtual criada basicamente para permitir a troca de informações na internet entre seus integrantes e entre eles e a sociedade em geral. b) Os dispositivos de produção dessas linguagens: celulares, máquinas fotográficas e editores de texto. c) O baixo grau de escolaridade dos trabalhadores, principalmente os informais, e sua pouca familiaridade com a tecnologia.

A equipe de formação trabalha com a ideia de que essas linguagens já são bem conhecidas dos trabalhadores no tocante a sua recepção. Diariamente eles convivem com programas de televisão, fotografias em outdoors, jornais e revistas, mas não exercem uma reflexão crítica sobre essas linguagens. Não é que se comportem passivamente diante dos conteúdos de mídia. Relacionam-se com eles no dia a dia, em conversas entre amigos, na formação de opiniões pessoais, criação de atitudes de consumo, etc. No entanto, têm pouco ou nenhum conhecimento sobre seus elementos constituintes e mecanismos subliminares que influenciam nossos gostos e ideias. Aquilo que está subjacente ao conteúdo, ou seja, a sua forma, ao mesmo tempo presente e oculta.

A imagem tem um grande poder em uma sociedade como a brasileira, onde o hábito de leitura e interpretação do texto escrito é pouco cultivado, ao contrário da televisão, presente em 90% dos lares brasileiros e que é de compreensão mais simples, mesmo para um analfabeto. A televisão trabalha muito com a oralidade e a narrativa melodramática, seja nas telenovelas, noticiários ou programas de auditório, o que faz dela um veículo extremamente popular, mas empobrecedor de visões extensivas para além do alcance de nossos sentidos. Portanto, parte-se do princípio que existe um imaginário imagético por parte dos trabalhadores do Vidas Paralelas permeado de códigos da linguagem fotográfica e audiovisual em um nível acrítico, pois a relação que a cultura audiovisual estabelece com o público é a de adequação dos sentidos e da imaginação aos



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

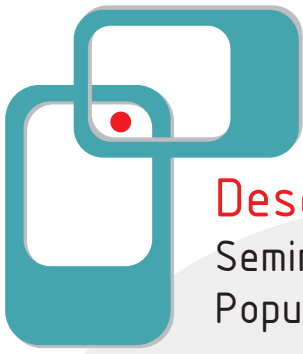
clichês, estereótipos e simulacros da cultura de massa.

A imagem renascentista, científica e tecnicista por natureza, é até hoje dominante em nosso imaginário estético. É uma imagem pensada para simular aquilo que o olhar humano vê e que tem como objetivo último ser o próprio olhar humano realizado atualmente dentro de um contexto ideológico voltado para o consumo, seja ele de produtos ou de ideias fechadas em si. É dentro dessa relação massificada com a imagem que estamos lidando no projeto e é a partir dela que procuramos ressignificar os códigos presentes nas linguagens trabalhadas. O primeiro movimento é não negar essa relação com a imagem como hábito de consumo. Ela existe e está fortemente presente no imaginário dos trabalhadores, portanto faz parte do saber desse trabalhador e aqui não fazemos nenhum julgamento de valor, se isso é bom ou ruim. É um dado do qual a oficina parte. Mas sabemos que esse saber do trabalhador sobre as imagens e o audiovisual construído a partir dos veículos de massa interage com outros saberes, ligados a sua experiência de vida e ao contexto social em que estão inseridos. Nesse sentido a educação popular nos fornece a base relacional adequada para explicitarmos essa interação entre o saber compartilhado da cultura de massa e o saber contextualizado na vida do indivíduo como indivíduo.

Na oficina que realizamos com a Rede de Apoio e os trabalhadores, o processo de aprendizagem acontece ao longo de três dias. No primeiro dia é realizado um exercício de produção e leitura de fotografias. No segundo incentivamos a criação de um texto sobre a experiência do dia anterior e o publicamos na Rede Virtual do Vidas Paralelas junto com a fotografia produzida. No terceiro dia fazemos um exercício de vídeo semelhante e voltamos a publicar na Rede do projeto. Terminamos com uma análise da oficina e os encaminhamentos da Rede de Apoio no estado.

O papel dosicineiros é o de fazer a mediação entre saberes específicos sobre os dispositivos de mídia do projeto, suas linguagens e os saberes do trabalhador no contexto de suas vidas e trabalho. É construir uma ponte de livre circulação entre um pólo e outro dessa relação, considerando que nós oficineiros temos um saber distinto dos saberes dos alunos, sem que isso signifique atribuir aos nossos saberes maior ou menor valor, mas, sim aceitar que são saberes próprios da experiência do educador. A esse respeito, Freire (1986) ressalta:

“A experiência de estar por baixo leva os alunos a pensarem que se você é um professor dialógico, nega definitivamente as diferenças entre eles e você. De uma vez por todas, somos todos iguais! Mas isto não é possível. Temos que ser claros com eles. Não. A relação dialógica não tem o poder de criar uma igualdade impossível como essa. O educador continua sendo diferente dos alunos, mas – e esta é, para mim, a questão central - a diferença entre eles, se o professor é democrático, se o seu sonho político é de libertação, é



## Deseducando o olhar

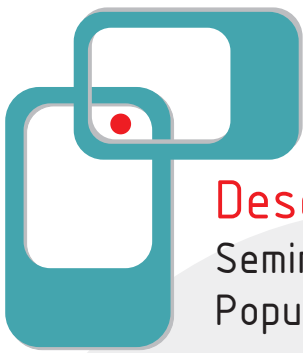
### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

que ele não pode permitir que a diferença necessária entre o professor e os alunos se torne antagônica. A diferença continua a existir! Sou diferente dos alunos! Mas se sou democrático não posso permitir que esta diferença seja antagônica. Se eles se tornam antagonistas, é porque me tornei autoritário.”

Esse espaço de diálogo entre saberes distintos do qual Freire fala é aquele que a oficina exercita. Desde que ela começou, em Outubro de 2009, esse diálogo com a Rede de Apoio e com os trabalhadores vem fornecendo material para repensarmos a sua metodologia constantemente, e ainda estamos longe de chegar a um modelo ideal. Talvez nunca cheguemos. Compreender essa dinâmica é um fator importante, inclusive para dar o tom de construção da rede, pois faz parte da natureza desse esquema de organização a permanente reacomodação. Freire, quando fala em professor dialógico também toca em um ponto crucial para o projeto Vidas Paralelas. Uma coisa é estabelecer o espaço de diálogo, prepará-lo para que ele aconteça de fato, outra coisa é atuar dialogicamente nesse espaço, ou seja, estar pronto para o choque de contrastes que fatalmente irá acontecer. Não é esse o espaço da educação? No entanto falamos muito dela a partir da relação em si, onde a escola formal ainda é o espaço tradicional de seu acontecimento, mas e quanto aos educadores? Eles estão prontos para esse contraste?

Para exercer esse diálogo sem autoritarismo? Paulo Freire escreveu essas palavras no final da década de 1980, quando a internet ainda não era uma realidade no Brasil, daí que suas palavras podem ser encaradas como antecipadoras de um tempo que só estamos vivendo agora. O dialogismo de Freire, como uma faculdade do espírito e uma habilidade adquirida com a prática, talvez fosse muito difícil de ser desenvolvida em um contexto ainda muito forte de comunicação de massa e ensino ortodoxo. Esse pode ser um dos motivos que fez com que ela florescesse em ambientes livres dessas influências, como o meio rural. Mas hoje com a profusão de redes sociais na internet esse dialogismo é uma característica cada vez mais presente nas gerações mais novas, pois elas se educam em ambientes informais de educação que exercitam essa capacidade de diálogo.

Dito isso, podemos aprofundar um pouco mais, mostrando como a metodologia de aprendizados vem se desenvolvendo desde o início de execução do Vidas e como isso vem impactando a produção de mídia dos trabalhadores. Em primeiro lugar, partimos de um marco zero na construção coletiva e dialógica de compreensão sobre as linguagens: o imaginário do participante da oficina. Propomos um exercício que chamamos de “fotografia imaginária”. A partir de uma palavra dada, que pode ser um sentimento, o participante tem que criar uma fotografia em sua imaginação e descrevê-la com o máximo de detalhes possíveis ao grupo. Não é um jogo de adivinhações. Todas as impressões são



## Deseducando o olhar

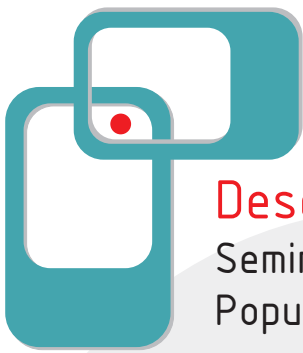
### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

bem-vindas e válidas, desde que compartilhadas e discutidas em grupo. O mesmo exercício é repetido, sendo que dessa vez a imagem é produzida com um celular ou uma máquina fotográfica, e os resultados são mais uma vez discutidos em grupo. Quando isso acontece trabalhamos três chaves: 1) a imagem de quem produziu a fotografia, incluindo aí os elementos fotográficos utilizados na sua descrição oral e posteriormente existentes na fotografia produzida com os celulares (tema, cores, objetos, posição entre eles, profundidade). 2) a leitura do grupo sobre a fotografia, que não precisa ser uniforme, podendo haver discordâncias entre elas sem um juízo de certo ou errado. 3) a relação entre a imagem individual de cada um dos participantes e a leitura feita pelos integrantes a partir da descrição.

O que está em jogo nesse exercício? Justamente a relação entre as imagens individuais e coletivas. E por que não há certo e errado? Porque os consensos e discordâncias são trabalhados em dois níveis de subjetividade. Aquela que existe a partir da história de vida, bagagem cultural, grau de instrução, experiência de cada um dos integrantes da oficina, e aquela subjetividade que é compartilhada coletivamente, pois toda imagem tem uma história e toda história é social. Enquanto os integrantes do grupo vão descrevendo as imagens, os educadores vão identificando nelas elementos básicos da fotografia, tais como profundidade, composição, enquadramento, linha de leitura e trazendo isso à tona. É dentro dessa dialética que vamos construindo juntos uma compreensão sobre a linguagem fotográfica, ao mesmo tempo em que as percepções de cada um cria um espaço de resignificação dessa linguagem. Para alguns a fotografia preto e branco pode gerar melancolia, nostalgia, para outros, urgência, tensão. Não existem verdades. Ou a linguagem se recria a partir da contribuição de cada um ou ela é instrumento de poder de poucos sobre muitos.

O vídeo segue o mesmo caminho da fotografia, embora com mais percalços. Melhor assim, pois nossas dúvidas foram um combustível precioso para pensar o audiovisual nesse tempos de youtube, Orkut e celulares que filmam. Após algumas idas e vindas, muitos testes, a equipe chegou a seguinte conclusão: Apesar de ser um dispositivo de filmagem, o projeto não pode usá-lo da mesma forma que uma câmera profissional de alta definição. Dispositivos de filmagem com tamanhos, qualidades de imagem e som diferentes requerem estratégias de criação audiovisual distintas. Primeiro, temos que entender o impacto que essas pequenas máquinas provocaram em termos de produção audiovisual.

Há, relativamente, bem pouco tempo, fazer uma filmagem era o privilégio de quem podia adquirir uma câmera, o que não era para muitos, mesmo com o gradual barateamento desse equipamento desde a chegada da tecnologia do vídeo no Brasil no



## Deseducando o olhar

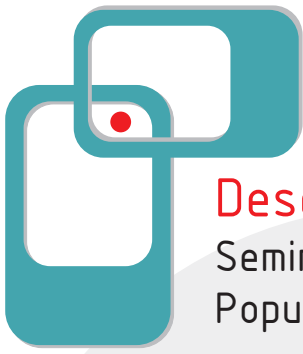
### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

início da década de 1980. Hoje, qualquer máquina fotográfica e celular, mesmo os mais baratos, são capazes de gerar um filme. Essa linguagem foi rapidamente absorvida pelas redes sociais junto com a fotografia e então podemos observar a explosão do registro audiovisual na web. O youtube talvez seja a melhor expressão desse fenômeno. No entanto, podemos notar que a democratização dessa linguagem, seja na produção ou difusão, se dá em termos diferentes daqueles a que estamos acostumados a ver no cinema e na televisão. A linguagem audiovisual da internet está inserida naquilo que já vem sendo apontado como “Cultura Remix”. Carina Teixeira, teórica da comunicação diz:

“(…) reinventar: essa é a palavra de ordem. Propondo a reinvenção de um produto, possibilitando a reapropriação e incorporando alternativas, a Cultura Remix, cria uma nova expressão, provocando a imaginação do espectador. Desconstruir linguagens já estabelecidas, criar novas! Os emergentes artistas da Produção Remix, provocam percepção humana sobre a realidade que a cerca, descortinando novos significados a partir do reprocessamento de sons e imagens, com suas gravações e manipulações. Nessa perspectiva, reinventar é desconstruir linguagens muitas vezes concebidas sob uma visão linear, impregnada de convenções pré-determinadas”.

A linguagem audiovisual ao longo do século XX teve no cinema e na televisão suas maiores expressões. Uma forma dominante de linguagem foi moldada a partir de um contexto social de acelerada industrialização e liberalização da economia em todo o mundo. Até hoje essa forma é dominante e as grandes produtoras de audiovisual em sua forma cinematográfica e televisiva atualmente se encontram nas mãos de conglomerados financeiros que estendem seus braços para todos os lados, incluindo a internet.

No início desse século XXI, a forma como essa linguagem é apropriada no nível mais amador (e nada contra essa palavra!) dentro das Redes Sociais impele a um novo sistema de abstração e apreensão. À exemplo da fotografia, o audiovisual na internet configura-se em muitos casos de sua utilização como uma obra aberta a integrar um vasto repositório de imagens prontas a serem utilizadas em contextos diferentes de sua criação. Não se trata da criação de uma obra fechada em si, como o cinema clássico narrativo, mas de uma profusão de obras abertas prontas a servirem de meio de fabulação pra outros olhares. A própria atitude coerente com esses pequenos dispositivos aproxima-se mais da fotografia – enquanto espaço aberto para a contribuição de outro olhar – do que do cinema clássico, onde a narrativa mítica encerra significados que limitam a sua resignificação. Essa talvez seja uma pista para explicar o que tem impelido a equipe de formação a trabalhar o vídeo a partir da fotografia e nos aproximar das obras do diretor Cao Guimarães como referência para pensar nossa relação com a linguagem audiovisual.



## Deseducando o olhar

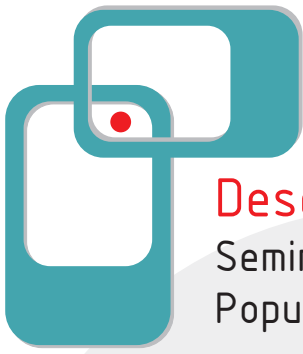
### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

No que se refere à metodologia, a parte de vídeo na oficina acontece da mesma forma que a de fotografia, mas não há um exercício de vídeo imaginário. Temos feito de duas maneiras: Ou passamos um filme do Cao Guimarães, como o “Sin Peso” ou “Da Janela do meu Quarto” para servir de suporte para pensar o audiovisual junto com o grupo ou, como aconteceu em uma das oficinas, orientamos a produção do vídeo em pequenos grupos de três a partir da fotografia produzida por um deles no exercício do dia anterior. Mas não sem antes trabalharmos diferenças básicas entre a linguagem fotográfica e a audiovisual e de colocar duas regras: o vídeo tem que ser gravado sem cortes e tem que ter até no máximo 02 minutos de duração. E por quê? Primeiro porque a edição, mesmo sendo um elemento essencial para a construção filmica, seria um complicador a mais para o trabalhador poder se expressar através dela. Segundo, porque o tempo da oficina, de apenas três dias, não permite entrarmos nessa parte.

Voltando as referências que oferecemos para a produção do vídeo, vale aqui colocar uma observação que nos parece valiosa. No primeiro caso, quando passamos os filmes do Cao Guimarães, notamos que os vídeos feitos com celular procuram assimilar os elementos trabalhados nesses filmes e explicitados pelos formadores: um movimento de câmera, enquadramento, tempo de duração do plano, temática. No segundo caso, os vídeos criados assimilam a proposta da fotografia feita anteriormente, obrigando-os a pensar como incorporar os elementos próprios do audiovisual, como o tempo, movimento de câmera, o espaço fora do quadro. No mais, o exercício segue a mesma linha da fotografia, discutimos todos os vídeos em grupo.

Como reflexão final, irei traçar um paralelo entre o esquema presencial da oficina e o esquema da rede virtual do site. Em ambos existe um trabalho que é feito pra dentro e pra fora. Na oficina o “pra dentro” acontece quando os participantes fazem suas próprias criações. O “pra fora” acontece quando a produção individual é discutida entre todos. Na Rede o “pra dentro” acontece quando os trabalhadores publicam suas produções no site com autonomia. O “pra fora” quando essa produção atinge outros integrantes da rede e gera comentários, iniciando assim o processo dialógico ao qual se referia Paulo Freire.

No caso da oficina, a mediação entre o “pra dentro” e o “pra fora” é feita pelos educadores. No site ela é mediada pelo próprio funcionamento da rede. Tanto em um como em outro a consciência da mediação como processo que não termina é fundamental para gerar um espaço analítico e criativo ao mesmo tempo. E como saber a medida dessa relação? Sim, pois é sempre uma dialética entre um “eu” e um “outro”. Não há regra! Quanto mais fazemos esse exercício mais nos sentimos seguros para surfar nessa onda, como bem metaforizou um educador popular nas reuniões preparatórias do projeto. Às



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

vezes a onda é grande, às vezes ela é pequena, às vezes caímos dela e o tombo é feio, muitas vezes descemos nela e podemos sentir um grande prazer. Mas quanto mais surfamos, mais aproveitamos e descemos qualquer tipo de onda.

#### Referências bibliográficas

- LLERA, Jesus Beltran. A Sociedade em Rede. Artigo, 2007
- FREIRE, P. (1987). Pedagogia do Oprimido. 27ª ed. RJ, Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1986). Medo e Ousadia. 10ª ed. RJ, Paz e Terra.
- TEIXEIRA, Carina. Cultura Remix. 2006